
Como falar sexo-sexualidade-gênero para criança: A ciência nos manuais¹

Fabiana Micaele da SILVA²

Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, Campinas,SP³

Resumo

O seguinte artigo reflete sobre a inscrição social da criança como sujeito para quem se comunica *scientia sexualis*, especialmente, através das cartilhas de educação sexual, ou como prefiro denominar manuais infantis sobre a ciência da sexualidade. Através da análise discursiva sobre algumas características da cartilha “Conversando e Descobrimo: A criança e a sexualidade”, distribuído pelas secretarias de saúde, educação, cultura, esporte e lazer da instancia turística de Imbu das Artes, busco refletir sobre o que acredito ser um conservadorismo, que biologiciza o discurso científico sobre sexo que é transmitido para as crianças; tal como, sobre uma hipótese de adaptação discursiva que acontece quando fala-se para e não com a criança, admitindo uma infantilização e a elaboração de fantasias no falar para elas.

Palavras-chave

Análise do Discurso; Criança; Sexualidade; Sexo; Gênero.

Introdução

Antes de falar sobre as regras sociais dos manuais impostas implícita e explicitamente de como apresentar as questões de sexo, sexualidade e gênero para as crianças, gostaria de propor um debate introdutório sobre quem são essas crianças? E o que é esse período na vida do ser humano denominado como infância? De acordo com Ariès (1981, p. 25), a infância é assim como a juventude e velhice, uma *idade da vida*. Elas são uma espécie de categorias científicas. Sobre a infância, especificamente ele destaca que é a primeira idade que “começa quando a criança nasce e dura até os sete anos, e nessa idade aquilo que nasce é chamado de enfant (criança), que quer dizer não falante”.

Segundo Ariès (1981), durante o período correspondente a Idade Média, existiam seis etapas de vida. Dessas seis, o conjunto das três primeiras, correspondiam à infância. Elas eram a primeira idade (nascimento / 7 anos), segunda idade (7 / 14 anos) e terceira idade (14 - 21 anos), essas eram etapas não valorizadas pela sociedade. Somente a partir da quarta idade, a juventude (21 - 45 anos), as pessoas começavam a ser reconhecidas socialmente. E ainda existiam a quinta idade (a senectude), considerando a pessoa que não era velha, mas que já tinha passado da juventude; e a sexta idade (a velhice), dos 60 anos

¹ Trabalho apresentado no GP Políticas e Estratégias de Comunicação, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Divulgação Científica e Cultural pela UNICAMP, Jornalista pela Universidade do Estado da Bahia, Licenciada em História pela Universidade de Pernambuco. E-mail: fabianamicaele.silva@gmail.com

em diante até a morte. Tais etapas alimentavam, desde esta época, a ideia de uma vida dividida em fases (Ariès, 1981).

Antes do século XVI não havia espaço para a infância no mundo, uma vez que na arte essa idade da vida era representada apenas como um homem pequeno, e toda a sua descrição resumia-se a sua altura. Não se admitia a existência autônoma da infância como uma fase diferenciada do homem. As primeiras representações vieram através da iconografia, e somente a palavra infância passou a designar a primeira idade de vida, a idade da necessidade de proteção, que perdura até os dias de hoje. Nota-se, assim, que até o século XVII, a ciência desconhecia a infância, e muito menos comunicava-se com ela.

Uma definição seria buscada ao longo dos tempos por cientistas e pesquisadores, sendo que até hoje um conceito exato ainda é amplamente discutido, sendo sempre posta em destaque a ligação da infância com os conceitos de dependência, necessidade de proteção e amparo. As crianças eram vistas como seres biológicos que necessitavam serem cuidadas pelos adultos já independentes e sábios. Podemos, considerar através disso que a criança era considerada irracional, um ser que precisa do adulto para instruí-la sobre quem é e como agir diante do mundo, e ela começava, assim, a agir pelo processo de imitação dos adultos.

É por meio da imitação dos adultos que o menino e a menina descobrem quem são como sujeitos biológicos, e até mesmo sociais. Piaget (1989) estabelece que a criança é compelida socialmente a adaptar-se a um mundo social de adultos, cujas regras, tal como, do que caracteriza lhe socialmente como uma criança, ainda é desconhecida para elas.

“Obrigada a adaptar-se, sem cessar, a um mundo social de mais velhos, cujos interesses e cujas regras lhe permanecem exteriores, e a um mundo físico que ela ainda mal compreende, a criança não consegue, como nós, satisfazer as necessidades afetivas e até intelectuais do seu eu nessas adaptações, as quais para os adultos, são mais ou menos completas, mas que permanecem para ela tanto mais inacabadas quanto mais jovem for”. (PIAGET,1989, p. 51-2)

A criança torna-se, assim, um produto de assimilações do mundo real e do socialmente correto dos adultos. Para Piaget (1989), as suas associações do real são sempre assimilações do mesmo que são lhe imposta ao longo do seu desenvolvimento psicológico. São na realidade três palavras chave: Associar, assimilar e acomodar, todas ela trabalhando em cima da construção do simbólico e do real para as crianças.

A infância passa, assim, a ser considerada como um fenômeno histórico e não apenas natural, e suas características podem ser esquematicamente delineadas a partir da dependência e da obediência ao adulto em troca de proteção. Essa mesma ligação com o

mundo adulto, por parte da definição de infância é esquematizada por Freud (1996), para ele, é sempre a atitude do adulto em relação a criança que faz surgir uma história de origem, principalmente uma que afirme que criança não diz nada sobre o sexual.

Contemporaneamente o conceito de infância está intrinsicamente ligado a escola, a educação e a instrução. Regras de conduta foram institucionalizadas e indicações sobre o papel social da criança lhe são determinadas, criando assim, expectativas sobre a conduta e a educação que devem lhe ser constitutivos. Desse modo, surge uma espécie de modelo de como ensinar para a criança, quem ela é e como deve agir para ser considerada como tal. Obviamente, esse padrão é construído a partir do adulto, uma vez que a criança ainda é tida como um copo vazio que precisa ser preenchido com regras sociais e de conduta, para então ser considerada criança.

A comunicação com elas segue assim um modelo, que visualiza uma infância e um leitor imaginário que segue a cartilha dos adultos, no quesito, o que precisa ou não saber. A divulgação científica direcionada para as crianças, por exemplo, é constituída por um discurso de adaptação científica, onde mais uma vez, o adulto que comunica para a criança partindo do seu lugar e do que entende como o apropriado para o seu leitor saber, para comunicar ao que culturalmente consideramos como sujeito criança. Sendo assim, é o adulto que determina o que a criança precisa saber, ela fala pela criança que não pode falar, mas ela não fala por que não lhe ouvem.

Vejamos, o caso de algumas Cartilhas elaboradas pelo Ministério da Educação (MEC) e por instancias governamentais sobre como falar sobre a sexualidade infantil, como, por exemplo, a cartilha “Conversando e Descobrimdo: A criança e a sexualidade”, distribuído pelas secretarias de saúde, educação, cultura, esporte e lazer da instancia turística de Imbu das Artes. Em sua apresentação, os autores definem que o objetivo da cartilha é facilitar a abordagem da conversa sobre sexo e sexualidade dos pais com os filhos, destacando que ela deve ser feita de maneira simples, objetiva e “Adequada”.

1. A maneira “Adequada” de se conversar sobre sexualidade com as crianças.

Interessante perceber que quem fala sobre sexo para crianças, é sempre o adulto, do mesmo modo, é inicialmente a instancia da fantasia e posteriormente a da saúde que determina o como falar do sexo e de sexualidade. O biológico se sobressai quando discute-se a sexualidade até mesmo com os adultos, imagine, então, com crianças. De acordo com Freud (1996), quando questionado por um(a) garoto(a) sobre sexualidade, o adulto sabe a

resposta que a pergunta fez, que por sua vez, não é fisiológica; porém ele prefere responder com uma mentira, com uma historinha. Ele sabe, mas seu inconsciente ainda o reprime de falar sobre sexo com crianças.

O próprio Freud recorre a biologia para manter-se na ciência, quando apela ao organicamente condicional na criança fixado pelo advento da hereditariedade. E até mesmo na epistemológica genética do desenvolvimento psicológico humano, construída por Piaget já se destaca uma certa tendenciosidade a biologicizar o que é da instância infantil, principalmente, quando relacionada ao sexual.

Antes de mais nada, Piaget sempre foi um biólogo, portanto as lentes com as quais ele se submetia à observação científica rigorosa, o processo de aquisição de conhecimento pelo ser humano, particularmente a criança, eram as lentes dos processos biológicos como predominantes do desenvolvimento psicológico.

Piaget fala de criança a partir do lugar de biólogo, e quando falamos para o público infantil, principalmente sobre sexo e sexualidade, a normatividade é seguir sempre o caminho da fantasia ou da biologia. Por exemplo, quando a criança começa a sua série de porquês sobre sexualidade, a primeira resposta de alguns é ilusionar uma resposta fantasiosa para o questionamento dela, enquanto que de outros é seguir o caminho da biologia. A divulgação científica infantil segue, assim, o caminho da biologia e da fantasia para responder as crianças os seus porquês sobre sexualidade, como é o caso da cartilha “Conversando e Descobrimo: A criança e a sexualidade”.

É através dos porquês infantis que o adulto toma posse do papel de enunciador. De acordo com Piaget (1989. p. 99), as relações entre crianças e adultos são “fonte de transmissões educativas e linguísticas das contribuições culturais, do ponto de vista cognitivo, e fonte de sentimentos específicos e, em particular, dos sentimentos morais, do ponto de vista afetivo”. E é como fonte de transmissão que o adulto gerencia o modo de pensar a criança e de falar de sexualidade para ela, é interessante destacar principalmente que o adulto não fala com, e sim fala para, pois a criança a partir do processo de elaboração deve assimilar o que lhe apontam como real.

Sendo, então, fonte de transmissão, podemos também considera-lo como o sujeito que significa as coisas para as crianças e para si próprio. De acordo com Orlandi (2007, p. 28), “o mundo existe, mas no discurso ele é apreendido, trabalhado pela linguagem”. E é após esse trabalho de linguagem que o mundo chega as crianças, bem como as questões de sexo, sexualidade e gênero.

Sendo assim, consideremos, também o papel não só do adulto, mas também da mídia no falar para a criança, principalmente, a mídia especializada em divulgação científica que de certo modo pode ser traduzida como um acontecimento de linguagem que para Orlandi (2007, p. 96), “impõe uma forma de gerenciamento dos gestos de interpretação” do sexo, sexualidade e gênero pelas crianças.

Ainda segundo Orlandi (2007, p. 37), “o sujeito é um lugar de significação historicamente constituído”. Essa significação histórica do sujeito é sempre repetida do adulto para criança, logo através do gesto de interpretação, o sujeito permanece sempre no mesmo lugar. “Todo gesto de interpretação é caracterizado pela inscrição do sujeito (e de seu dizer) em uma posição ideológica, configurando uma região particular no interdiscurso, na memória do dizer” (ORLANDI, 2007, p. 100).

A partir, dessa consideração destacamos que por meio do gesto de interpretação do que representa a criança, o adulto, bem como, o cientista ou o jornalista, posicionam a memória do dizer, que é na verdade um não dizer de sexualidade para as crianças. A fim de compreender esse dizer, não dito vejamos a análise a seguir, sobre a cartilha “Conversando e Descobrimo: A criança e a sexualidade.

2. O discurso infantilizado sobre sexualidade

Antes de tudo, gostaria de apontar para a característica dessas cartilhas, que faz com que possamos descreve-las como material de divulgação científica. De acordo com Zamboni (2001, p. 45-6),

“a divulgação científica é entendida, de modo genérico, como uma atividade de difusão, dirigida para fora do contexto originário, de conhecimentos científicos produzidos e circulantes no interior de uma comunidade de limites restritos, mobilizando diferentes recursos, técnicas e processos para a veiculação das informações científicas e tecnológicas ao público em geral”.

Logo, constituem-se como materiais de divulgação científica todo material desenvolvido para a difusão da ciência. Tal como, as revistas administradas pelas agências de fomento à pesquisa, as revistas dos institutos de ciência nacionais, os manuais referentes as inúmeras inovações que surgem diariamente, e as cartilhas educacionais elaboradas para a ampla difusão de todos os campos da ciência nas escolas públicas e particulares do país.

Difundir as informações científicas, essa é uma das funções da divulgação científica, entretanto, ao comunicar ao público a ciência, por meio de uma linguagem acessível, se

estabelece a adaptação discursiva. Algo que acontece nos manuais de sexualidade para as crianças. Vejamos, o exemplo.

Figura 1 - Capa da Cartilha



Como, nota-se, a figura 1 é a capa da cartilha. E já a partir dela retiramos dados que fortalecem nossa hipótese sobre adaptação discursiva da ciência e da sexualidade como tal, para as crianças. O primeiro fato para o qual nosso olhar remete-se é para as duas figuras humanas, que imediatamente nos levam a relacioná-las com o masculino e com o feminino. Temos, assim, os clichês, uma menina vestida com uma fralda cor de rosa, e um menino vestido de azul e retratado com o que acredito poder descrever como cara de gozo, direcionando seu olhar fixamente na direção dos órgãos sexuais da menina.

Se relacionamos o olhar do menino ao escritos de Freud, surge assim, uma contradição. Afinal, é notório que os germes dos impulsos sexuais já estão presentes mesmo em um recém-nascido, no entanto, quando depara-se com os órgão sexual feminino, a primeira reação do menino não é de prazer, e sim de rejeição e desinteresse, por aquilo que ele estranha não ser semelhante ao seu (FREUD, 1996).

Para Freud (2011), que pensa como um menino que teoriza, antes de tudo a criança não dá sentido a diferença dos sexos, e em algum momento ela é impelida a dar sentido a essa diferença, mas na realidade esse momento só se faz presente, quando o desejo dos pais, ou dos adultos no geral, a desperta para aquela questão. Sendo assim, só a partir do lugar do adulto como fonte de transmissão para a criança, que ela pode reagir a diferença dos órgão genitais. Logo, a reação de gozo ao deparar-se com os órgão genitais femininos não é do menino, e sim do adulto que ao ilustrar a capa se colocou no lugar de fonte de transmissão.

“A existência de dois sexos, para começar, não desperta quaisquer dificuldades ou dúvidas nas crianças. É óbvio para um menino que um órgão genital como o dele deve ser atribuído a todo mundo que ele conhece e não pode fazer a ausência dele harmonizar-se com o retrato que faz dessas outras pessoas ... A suposição de que todos os seres humanos tem a mesma forma (masculina) de órgão genital é a

primeira das muitas teorias sexuais notáveis e momentosas das crianças. Pouco adianta a uma criança que a ciência da biologia justifique seu preconceito e tenha sido obrigada a reconhecer o clitóris como um verdadeiro substituto do pênis”. (FREUD, 1996, p. 200-1)

Segundo Freud (1996), nessa fase pré-genital das crianças, as zonas genitais ainda não assumiram seu papel predominante na organização da vida sexual. Sobre o gozo, uma criança até os seus 4 anos obtém ele de si mesmo. Ou seja, a infância se caracteriza como auto erótica. E a diferenças entre a relação com o sexo e a sexualidade só irão aparecer na puberdade, quando há um maior e mais precoce desenvolvimento das inibições pelas meninas, mas isso se dá, principalmente, em virtude de uma resistência advinda da repressão ao que envolve a sexualidade feminina.

Do instante da descoberta da diferença entre os sexos, Freud (2011), insiste em salientar a ideia da inveja do pênis pela menina, para ele, elas tem tanto interesse quanto inveja. Cabe aqui ressaltar que o próprio Freud aponta que quando fala sobre essas teorias sexuais das crianças, ele fala apenas a partir do masculino, e que não saberia como escreve-las a partir das meninas, é provável que essas teorias seriam diferentes.

3. O falar que diferencia gênero, e não apenas sexo como biológico

Esse falar a partir da primazia do masculino, tampouco é uma exclusividade freudiana, veja-se mais uma vez o exemplo da cartilha. Através do textual ela transforma o que é da ordem sexual em objeto de um discurso científico, e estabelece um modos falante diferente para meninos e meninas.

Para o primeiro, ela fala o seguinte “todos os machos tem um pintinho”, “é dentro dos testículos que serão fabricados as sementinhas, chamadas de espermatozoides”, “as vezes o pênis pode mudar de tamanho e ficar duro, isso se chama ereção”. Enquanto, que para as meninas ele diz “Assim como as fêmeas, as meninas também tem seus órgãos genitais e eles são bem diferentes dos meninos”, “a vagina, que se destina as relações sexuais e por onde saem os bebes”, “clitóris, que é um ponto muito sensível do corpo das meninas”, “a vagina é um canal que leva ao útero, que fica dentro da barriga e é uma espécie de bolsa onde os bebes se desenvolvem durante a gravidez”.

Essas inscrições podem ser encontradas nas páginas 2 e 3 da cartilha que compõe uma seção intitulada como “A criança, seu corpo e as diferenças”, e que pode ser observada a seguir.

Figura 2 - Meninos x Meninas: Como conversar sobre...

1. A criança, seu corpo e as diferenças.

Todos os meninos têm um aparelho genital ou sexual, como por exemplo, os testículos, gomos, caculinas, e inclusive os seus faloicos. Este aparelho é formado por órgãos que possibilitam a capacidade de ter filhos e a prazer sexual, estes órgãos são diferentes nos meninos e meninas, tanto na parte interna como externa.

Os Meninos.

Os meninos, assim como todos os machos, têm um "pintinho" (**pênis**), dentro dele existe uma bolsa (**saco escrotal**) com dois bolinhas (**testículos**). É dentro dos testículos que são fabricados os "sementinhas", chamadas de **espermatozoides**, que começam a aparecer aos 12 ou 13 anos.

Dentro do pênis existe um canal chamado **uretra**, e por este canal que sai a **urina** (xixi) que se acumula na **bexiga**. É também por ela que, em momentos muito especiais, saem os espermatozoides.

A uretra termina na **glândula** (cabeçinha). Em volta da glândula existe uma pele que se chama **prepúcio**.

Órgãos Genitais Masculinos

Quando o menino toma banho, é importante lavar bem o pênis, puxando um pouco a pele para aparecer a glândula. Às vezes, não é possível puxar a pele, daí é importante o papai e a mamãe levarem o filho ao médico pediatra (que cuida de crianças) para que ele possa avaliar e orientar os procedimentos.

O tamanho e o formato do pênis podem variar de menino para menino. Às vezes, o pênis pode crescer de tamanho e ficar duro, isso se chama **ereção**. A ereção pode acontecer no banho, durante o sono ou ao acordar. É uma sensação muito gostosa. É muito comum os meninos, mesmo pequeninos, terem curiosidade, tocar e brincar com seus órgãos genitais. **Isso é normal**, pois se trata de uma descoberta do próprio corpo.

2

As Meninas.

Assim como os meninos, as meninas também têm seus órgãos genitais e eles são bem diferentes dos meninos. Alguns dos órgãos genitais das meninas estão dentro de seus corpos e não podem ser vistos.

O conjunto dos órgãos sexuais externos que podem ser vistos é chamado de **vulva**, que é a parte visível do órgão sexual das meninas. Podemos observar que nela ficam dois orifícios (buracos). Um dos orifícios é o canal da urina (**uretra**), por onde sai o xixi que vem da **bexiga**, o outro orifício é uma abertura para a parte interna dos órgãos sexuais das meninas, que é a **vagina**, que se destina às relações sexuais e por onde saem os bebês. Além dos dois orifícios existe um "botãozinho" chamado **clitóris**, que é um ponto muito sensível do corpo das meninas.

A vagina é um canal que leva ao **útero**, que fica dentro da barriga e é uma espécie de bolsa onde os bebês se desenvolvem durante a gravidez. Do útero saem dois tubos (**os trompas**) que terminam nos dois **ovários** (um de cada lado), que estão repletos de "sementinhas" chamadas de **óvulos**. Entre os 10 e os 14 anos de idade (às vezes um pouco mais cedo, às vezes um pouco mais tarde), os óvulos começam a cair dentro, e esta menina poderá ser mãe.

Órgãos Genitais Femininos

Assim como os meninos, as meninas também costumam ter curiosidades, podem se tocar ou brincar com seus órgãos genitais, o que também é natural em sua descoberta do corpo. Quando a menina toma banho, não deve esquecer de lavar e secar seus órgãos genitais, assim como faz o resto do corpo.

3

Nas inscrições destacadas acima, nota-se as diferentes relações que constituem a sexualidade feminina e masculina. Uma vez que, na conversa com o menino fala-se sobre o órgão sexual, sobre os espermatozoides, mas não fala-se sobre a paternidade; cita-se também a ereção, logo o texto entra em acordo com o ato do gozo do menino, e sobre como a ereção dá uma sensação prazerosa.

Em contra partida no diálogo sobre a sexualidade feminina trata-se da vagina, do clitóris e do útero, mas em nenhum momento falam sobre o prazer ou gozo, muito menos sobre masturbação infantil. Porque não tratar sobre masturbação nessa idade? Se de acordo com Freud (1996), crianças desde a primeira infância já se tocam, ou já executam ações auto eróticas com o próprio corpo, afim de produzir um meio para a excitação de alguma de suas zonas erógenas, por exemplo, a retenção de fezes, realizada com o objetivo de provocar um primeiro estímulo na zona erógena anal através da excitação da membrana do anus.

Interessante notar como na primeira linha sobre as meninas, já se compara os órgão genitais femininos com o masculino, enquanto que em todo o texto dos meninos nada se

cita sobre as mulheres. A partir disso, refletamos sobre o que Freud falou sobre a sexualidade feminina, mas para início de tudo, vale dizer que foi dito muita pouca coisa, e tudo sempre relacionado, comparado a sexualidade masculina, nada nunca independente.

Por exemplo, quando se fala do complexo de castração, ou do complexo de Édipo, tudo que se pensa sobre a sexualidade feminina é de alguma forma atravessada pelo que se sabe da sexualidade masculina. Quando Freud (2011) escreve sobre a sexualidade feminina, ele já se inscreve como um curioso, mas não conhecedor do campo. Tanto que todos os seus escritos não são suficientes para chegar a uma resposta para a sua grande procura a respeito do que querem as mulheres?

De acordo com Butler (2008), a diferença anatômica entre homens e mulheres não tem nenhum sentido, ela não é normativa, pois não tem forças para determinar condutas. Gênero deve ser, então, considerado como um aparato discursivo e cultural, através do qual natureza sexual e sexo natural, são produzidos como prévios a cultura, uma superfície politicamente neutra na qual a cultura age. Ou seja, o conceito de gênero que está impregnado nos materiais de divulgação científica para crianças, como a cartilha, e é na realidade um “mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas” (PORCHAT, 2014).

Noções como a do pintinho e da perereca, ilustrações que estão presentes na capa da cartilha (ver página 7), e que fazem parte daquele discurso que consideramos como uma fabula da sexualidade infantil. Discurso onde o menino não tem pênis e sim pintinho, onde a menina não tem vagina e sim perereca, e a criança simplesmente não tem sexualidade, só sexo biológico.

Na divulgação científica direcionada para as crianças essa fabulização está constantemente presente, por isso, apoio a hipótese da existência de uma adaptação discursiva quando se fala para a criança, seja no dia-a-dia ou através da comunicação social/jornalismo. Uma adaptação que parte da premissa do ser criança para a nossa cultura, ou seja, ser alguém que precise de instrução, mas não qualquer educação, e sim aquela que perpassa a ideia do adulto do que a criança precisa saber, logo, de regras de conduta, e não de sexualidade ou ciência no geral.

Referências Bibliográficas

ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAALBAKI, A. C. F. **A revista Ciência Hoje das Crianças e o discurso de divulgação: entre o ludicismo e a necessidade**. 2010. 308 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos Linguísticos, Departamento de Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2010.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**; Trad. Renato Aguiar. – 2º ed. – Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2008.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2008.

FREUD, S. (1905) Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. 07. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1908) Sobre as teorias sexuais das crianças. In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. 09. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1924) “A dissolução do complexo de Édipo”. In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1925) Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: Sigmund Freud, **Obras Completas, volume 16**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1931) Sobre a sexualidade feminina. In: Sigmund Freud, **Obras Completas, volume 18**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

PORCHAT, P. Ato Performativo e desconstrução: o gênero em Judith Butler. In: AMBRA, P. E. S. **Histeria e Gênero**. São Paulo: nVersus, 2014.

ZAMBONI, L. M. S. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica**. São Paulo: Autores Associados, 2001.